

A MULTIFUNCIONALIDADE DO ADVÉRBIO “REALMENTE” NA LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DA GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha LACERDA*

- **RESUMO:** Adotando a perspectiva da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2009), realizamos, neste trabalho, a análise da multifuncionalidade do advérbio “realmente” na língua portuguesa, buscando instanciar seus diferentes usos e definir de que maneira seria estabelecida sua rede construcional. A partir de uma pesquisa pancrônica, que considerou *corpora* compreendidos entre o século XIII e o português contemporâneo, demonstramos como a multifuncionalidade de “realmente” revela um *cline* de gramaticalização, em que se observa uma ampliação de sua frequência de uso em contextos reconhecidamente mais subjetivos. Consideramos, portanto, que a gramaticalização pode ser concebida como um processo através do qual as construções – que primeiro expressam significados concretos/lexicais/objetivos – passariam, a partir da reiteração de seu padrão de uso, a indicar funções abstratas/pragmáticas/interpessoais baseadas na crença dos falantes (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2005). Os resultados obtidos apontam, nesse sentido, que o advérbio “realmente” atuaria como um marcador epistêmico de evidência factual e subjetiva, gramaticalizando-se do factual para o subjetivo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização de construções. Subjetivização. Rede construcional. Modalização epistêmica.

Considerações iniciais

Este trabalho tem como objetivo fundamental estabelecer a rede construcional do advérbio “realmente” na língua portuguesa, buscando delimitar em que medida seus diferentes usos revelam um processo de subjetivização e de expansão semântico-pragmática. Procuramos comprovar, nesse sentido, que os diferentes usos do advérbio “realmente” são pragmaticamente estabelecidos a partir da expectativa que têm os falantes de qualificar, sob a perspectiva epistêmica, o conteúdo proposicional com base em seus julgamentos e crenças pessoais.

Assumimos, neste trabalho, o modelo de gramaticalização enquanto processo de subjetivização, considerando que a emergência de novos padrões

¹ UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036-900 – patricia.cunha@uff.edu.br.

construcionais na língua está intimamente relacionada ao desenvolvimento de expressões gramaticalmente identificáveis que visam a indicar as crenças e atitudes dos falantes acerca do que dizem (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2005). Portanto encaramos a gramaticalização como um processo diretamente relacionado ao contexto discursivo-pragmático, já que defendemos um modelo de mudança que nos explique como os participantes de uma conversa interagem entre si, construindo seus argumentos e demonstrando sua avaliação acerca das proposições que produzem. Adotamos, desse modo, um modelo de gramaticalização baseado no uso. Também assumimos, em nossa análise, a perspectiva da **gramaticalização de construções** proposta por Traugott (2003, 2009), já que partimos do princípio de que a gramaticalização não pode ser resumida a uma mudança do tipo léxico > gramática. Na verdade, a gramaticalização envolveria a mudança construção > gramática. Vale ressaltar, nesse sentido, que a noção de construção adotada neste trabalho baseia-se em Goldberg (1995, 2006), que argumenta que as construções sinalizariam significado independentemente das palavras que as compõem numa dada sentença, ou seja, uma construção seria vista como uma unidade com forma e significado não estritamente previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição nem por construções pré-existentes na língua.

A partir da realização de uma pesquisa pancrônica, que considerou a distribuição do advérbio “realmente” desde o século XIII até o português contemporâneo, buscamos comprovar que seus diferentes usos revelam o *cline* de gramaticalização [- subjetivo] > [+ subjetivo]. Como defendemos neste trabalho, o advérbio “realmente” atuaria como um marcador epistêmico de evidência factual e subjetiva, gramaticalizando-se do factual para o subjetivo.

A fim de cumprir os objetivos enunciados acima, primeiramente apresentaremos um panorama geral dos principais trabalhos que têm se dedicado a tratar da gramaticalização como processo de subjetivização e analisaremos os princípios fundamentais a partir dos quais se estabelece a perspectiva da **gramaticalização de construções**. Portanto a nossa intenção será justificar, do ponto de vista teórico, que é a construção inteira, e não apenas o significado lexical de um item, que é precursora do sentido gramatical. Posteriormente, promoveremos a descrição dos *corpora* sincrônicos e diacrônicos que foram analisados nesta pesquisa. Considerando que a análise da frequência de uso é um subsídio importante para atestar/elucidar processos de gramaticalização (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006), realizamos um extenso levantamento de dados a fim de analisar a distribuição do advérbio “realmente” na língua portuguesa ao longo do tempo. Após detalhar a constituição dos *corpora*, passaremos à análise propriamente dita dos dados.

Buscaremos, nesse sentido, delimitar quais são os usos que apresenta o advérbio “realmente” na língua portuguesa e estabelecer em que medida se instanciará o *cline* de gramaticalização [- subjetivo] > [+ subjetivo]. Será nosso intuito, portanto, comprovar que o uso do advérbio “realmente” tem sido expandido para contextos mais subjetivos em que pretendiam os falantes marcar epistemicamente suas atitudes e crenças pessoais. A partir de um processo de subjetivização e, conseqüentemente, de expansão pragmática, estaria o advérbio “realmente” sendo empregado não apenas em contextos que envolvem evidência factual, mas também em situações em que está presente a avaliação subjetiva dos falantes. Por fim, proporemos uma rede construcional para o advérbio “realmente” na língua portuguesa, demonstrando que seus diferentes usos se instanciarão como construções distintas. Como esperamos apontar, cada um dos padrões construcionais em que figura o advérbio “realmente” indica, de modo bastante particular, como os falantes se baseiam em evidência factual ou subjetiva para sinalizar suas crenças e atitudes.

Gramaticalização: subjetivização e construcionalidade

Desde o trabalho fundador de Meillet (1948), a gramaticalização tem sido considerada um processo linguístico que teria como base a mudança [lexical] > [gramatical], já que haveria a passagem de uma palavra autônoma para um elemento com conteúdo gramatical. A partir de trabalhos como o de Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), passou-se a considerar que a gramaticalização também envolveria a mudança [gramatical] > [+ gramatical]. Com base na concepção tradicional de que a gramaticalização estaria baseada na reinterpretação de material lexical/[gramatical] como material gramatical/[+gramatical], foram postulados *clines* unidirecionais que partem primordialmente da forma dos itens linguísticos, e não de sua função nos mais diversos contextos de uso. Um dos *clines* de unidirecionalidade mais clássicos é o proposto por Hopper e Traugott (1993): item lexical > item gramatical > clítico > afixo.

Como destaca Castilho (2008), nos estudos tradicionais sobre gramaticalização, os pesquisadores parecem assumir a língua como uma entidade heteróclita, estática, passível de uma representação linear em que as categorias são dispostas umas após as outras, de tal forma que derivações podem ser estabelecidas entre elas. Quando analisamos mais detidamente a maneira como a gramaticalização vem sendo concebida ao longo do tempo, fica bastante evidente que a abordagem formalista da gramaticalização entra em conflito com a abordagem funcionalista quanto a questões basilares. Considerando

que é rejeitada pelo funcionalismo a premissa de que a estrutura da língua é independente de seu efetivo uso, observamos um evidente reenquadramento teórico-epistemológico acerca da noção de gramaticalização. Como destacam Bybee e Hopper (2001), a perspectiva funcionalista contribui à medida que considera que a gramática de uma língua se estabelece como uma resposta a necessidades discursivas.

Adotando esta perspectiva baseada no uso, Traugott (1995, p.31) assume uma visão emergentista da gramática ao considerar que a gramaticalização pode se instanciar a partir de um processo de subjetivização, em que estariam presentes “[...] processos semântico-pragmáticos através dos quais os significados tornam-se cada vez mais baseados nas crenças e atitudes do falante acerca da proposição.” Portanto a subjetivização na gramaticalização consistiria no desenvolvimento de expressão gramaticalmente identificável que indica as crenças e atitudes do falante acerca do que diz. A noção de subjetivização estaria, nesse sentido, intimamente relacionada à modalização epistêmica, uma vez que haveria a emergência de estruturas e estratégias linguísticas a partir da perspectiva do falante. Como destaca Finegan (1995), a modalização epistêmica seria talvez a ocorrência mais explorada na manifestação da subjetividade do falante. Nesse contexto, Traugott (1995, 2010) e Traugott e Dasher (2005) defendem que a subjetivização seria um processo gradiente através do qual as construções – que primeiro expressariam significados concretos/lexicais/objetivos – passariam, a partir da reiteração de seu padrão de uso, a indicar funções abstratas/pragmáticas/interpessoais baseadas na crença do falante. A gramaticalização enquanto subjetivização poderia ser entendida, portanto, como um processo de expansão pragmática.

Em substituição aos *clines* tradicionais de unidirecionalidade, Traugott (1995) propõe que a gramaticalização seja pensada sob as seguintes perspectivas: [objetivo] > [subjetivo] e [- subjetivo] > [+subjetivo]. A autora, inclusive, assume que esses *clines* de gramaticalização teriam um escopo mais amplo, pois envolveriam a tendência de se recrutar material lexical (proposicional) para indicar a atitude do falante em situações discursivas, já que a subjetivização seria decorrente da necessidade que têm os falantes de expor a relevância acerca do que é dito.

Em trabalhos bastante recentes, Traugott (2003, 2009) tem destacado também a importância de uma interseção entre a gramaticalização e a gramática das construções, considerando que a construção seria a unidade básica da língua e que a gramaticalização se estabeleceria a partir de uma mudança construção > gramática. Com base principalmente no trabalho de Goldberg (1995, 2006), Traugott (2009) considera, inclusive, que a perspectiva da **gramaticalização de construções** pode trazer as seguintes

contribuições: a) mudança entendida como um processo dinâmico, uma vez que a emergência de novos padrões construcionais se daria através do tempo e dos falantes, ou seja, o uso reiterado de padrões construcionais levaria à sua gramaticalização; b) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais; c) incorporação das micro-construções em uma rede, o que permitiria estabelecer redes construcionais de gramaticalizações integradas/interligadas. É particularmente a partir destas postulações que a autora assume que a **gramaticalização de construções** envolveria “[...] a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou designam uma nova função gramatical para uma construção gramatical já existente.” (TRAUGOTT, 2009, p.91).

Métodos e procedimentos de análise: a descrição dos corpora

Em nossa análise, procedemos ao levantamento da distribuição do advérbio “realmente” em *corpora* sincrônicos e diacrônicos. Como acreditamos, a verificação da frequência de uso pode ser um fator determinante para elucidar processos de gramaticalização (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006). No caso do advérbio “realmente”, cremos que uma análise sistemática de dados permite estabelecer quais são seus diferentes usos e determinar em que medida o *cline* de gramaticalização [- subjetivo] > [+ subjetivo] seria instanciado ao longo do tempo.

A fim de fornecer um panorama mais amplo acerca da distribuição do advérbio “realmente” no português contemporâneo, trabalhamos com três *corpora* distintos, a saber: a) o *corpus* do Projeto Mineirês: a construção de um dialeto, constituído pela Prof^a. Jânia Martins Ramos, em 2007, na Universidade Federal de Minas Gerais; b) amostras da década de 1990 do Projeto NURC/RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro); c) *blogs* selecionados aleatoriamente no portal <<http://bloglog.globo.com>>. Conforme atestamos no quadro abaixo, foram analisadas 100.000 palavras em cada *corpus* a fim de se evitar qualquer enviesamento nos resultados:

Quadro 1 – *Corpora* sincrônicos analisados

	Corpus	Descrição do corpus	Número de palavras analisado em cada corpus
Corpora sincrônicos	Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Projeto coordenado pela Prof ^a . Jânia Martins Ramos na UFMG	100.000 palavras
	Amostras da década de 1990 do Projeto NURC/RJ (Projeto da Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro)	Projeto coordenado pelos Profs. Afrânio Barbosa, Célia Lopes e Dinah Callou na UFRJ	100.000 palavras
	<i>Blogs</i> selecionados aleatoriamente no portal < http://bloglog.globo.com/ >	Portal de <i>blogs</i> em que pessoas públicas postam textos de sua autoria	100.000 palavras

Fonte: Elaboração própria.

O Projeto Mineirês: a construção de um dialeto, que é coordenado pela Prof^a. Jânia Martins Ramos na UFMG, tem por objetivo identificar e descrever especificidades do dialeto mineiro contemporâneo. Outro objetivo pretendido pela pesquisa é fornecer explicações de natureza sócio-histórica dos fatos descritos. O *corpus* do projeto é constituído por dados coletados em quatro cidades específicas, a saber: a) Belo Horizonte; b) Ouro Preto; c) Arceburgo; d) São João da Ponte; e) Mariana; f) Piranga. Em nossa análise, trabalhamos especificamente com as entrevistas que recobrem as cidades de Belo Horizonte e Ouro Preto.

Já o Projeto NURC-RJ tem como objetivo fundamental documentar a variedade culta da língua portuguesa falada na cidade do Rio de Janeiro. O *corpus* conta com entrevistas gravadas nas décadas de 1970 e 1990 do século XX, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas. No caso de nossa pesquisa, selecionamos apenas amostras da década de 1990, já que nossa intenção é tratar da distribuição do advérbio “realmente” no português contemporâneo, ou seja, o português documentado em amostras entre o final do século XX e o início do século XXI.

Além de utilizar dois *corpora* com amostras de fala, optamos por trabalhar também com o gênero textual *blog*, já que nele claramente podem ser encontradas marcas de oralidade. Nesse sentido, partimos da hipótese inicial de que os *blogs* fomentariam usos [+ subjetivos] do advérbio “realmente”, uma vez que têm sido utilizados, na maior parte das vezes, como diários pessoais, e seus usuários tenderiam a publicar eletronicamente suas impressões particulares acerca da realidade. Como destacam Xavier e Santos (2000), o hipertexto viabilizaria a integração e a fusão de duas modalidades de uso da língua – a oral e a escrita – em uma mesma superfície.

Como subsídio para a realização da análise diacrônica, tomamos como base textos produzidos entre os séculos XIII e XIX, os quais se encontram publicados no CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval² – e no *corpus* eletrônico do projeto Tycho Brahe.³ A fim de também manter uma uniformidade na análise dos dados, optamos por analisar 100.000 palavras em cada século. Apresentamos, no quadro a seguir, a distribuição dos *corpora* diacrônicos analisados:

Quadro 2 – *Corpora* diacrônicos analisados por século

Século analisado	Composição do <i>corpus</i> por século	Número de palavras analisadas por <i>corpus</i> em cada século
Século XIII	- Notícia do Torto (1214) - Textos Notariais (entre 1243 e 1274) - Foros de Garvão (entre 1267 e 1280) - Foro Real (1280) - Dos Costumes de Santarém (1294)	100.000 palavras
Século XIV	- Crónica de Afonso X in Crónica Geral de Espanha de 1344 - Dos Costumes de Santarém (1340/1360) - Foros de Garvão (século XIV – sd) - Textos Notariais (entre 1304 e 1397)	100.000 palavras

² O *Corpus* Informatizado do Português Medieval disponibiliza textos produzidos entre os séculos XII e XVI e pode ser acessado em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>.

³ O *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* é um *corpus* eletrônico anotado, composto de textos em português escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845. Este *corpus* pode ser acessado eletronicamente em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/t-tycho/>>.

Século analisado	Composição do <i>corpus</i> por século	Número de palavras analisadas por <i>corpus</i> em cada século
Século XV	<ul style="list-style-type: none"> - Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela (século XV - sd) - Castelo Perigoso (século XV – sd) - Orto do Esposo (século XV – sd) - Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (século XV – sd) 	100.000 palavras
Século XVI	<ul style="list-style-type: none"> - Monarchia Lusitana (1584) - Da Monarquia Lusitana (1569) - Poesia e Pintura (1597) - Gazeta (1541) - A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (1556) 	100.000 palavras
Século XVII	<ul style="list-style-type: none"> - Nova Floresta (1644) - Cartas de Alexandre de Gusmão (1695) - Cartas de Antonio Vieira (1608) - Tácito Português (1608) - Cartas Familiares (1608) 	100.000 palavras
Século XVIII	<ul style="list-style-type: none"> - Cartas, Cavaleiro de Oliveira (1702) - Cartas de Garrett (1799) - Verdadeiro Método de Estudar (1713) - Cartas do Abade Antonio da Costa (1714) - Obras Completas de Correia Garção (1724) 	100.000 palavras
Século XIX	<ul style="list-style-type: none"> - Cartas de Eça de Queirós e Oliveira Martins (1845) - Atas dos Brasileiros (1830) - Cartas a Emília (1836) - Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna (1802) - Maria Moisés (1826) 	100.000 palavras

Fonte: Elaboração própria.

Nos *corpora* diacrônicos, foram atestadas apenas 30 ocorrências do advérbio “realmente”. Já nos três *corpora* sincrônicos que foram analisados, foram encontradas 310 ocorrências. Esses dados apontam para a recente gramaticalização do advérbio “realmente” na língua portuguesa. Na próximas seções, detalharemos os resultados de frequência que foram obtidos, verificando em que medida se estabelece a distribuição do advérbio “realmente” ao longo do tempo. Promoveremos, nesse sentido, a delimitação dos usos de “realmente” que foram encontrados nos *corpora*, analisando pontualmente ocorrências e descrevendo cada contexto de uso em particular. Será nossa intenção, portanto, delinear em que medida o advérbio “realmente” atuaria como um marcador epistêmico de evidência factual e subjetiva, se gramaticalizando do factual para o subjetivo.

Os diferentes usos de “realmente” identificados nos *corpora*

A partir da análise pancrônica dos dados, identificamos a existência de cinco diferentes usos para o advérbio “realmente” na língua portuguesa, os quais denominamos de: a) marcador epistêmico factual; b) marcador epistêmico de avaliação subjetiva; c) intensificador adjetival epistêmico; d) marcador epistêmico de hipótese; e) marcador discursivo de contraexpectativa. A seguir, serão devidamente descritos cada um dos usos que foram identificados.

a) **Marcador epistêmico factual:** atua como advérbio sentencial ao ser empregado para expressar o julgamento dos falantes a respeito do grau de verdade da proposição com base em seu conhecimento da realidade. Tem, portanto, a função de asseverar que algo pode ser verdadeiro ou falso, tomando com referência o real. Baseia-se em evidência factual e tem escopo sobre toda a proposição, podendo ocorrer em todas as posições em uma sentença. Inclusive, o que promoveria a interpretação de “realmente” como asseverador das condições de verdade da proposição seria seu escopo sentencial. Vejamos um exemplo:

(1)

Então se você tem alguma condição, você não está querendo ser professora (inint.) Trabalha em casa e na escola. Tem ene profissões menos desgastantes e ganho melhor. Então você vê, está sendo atraído para a profissão um pessoal muito pouco interessado em alguma coisa.

As escolas normais estão realmente com nível muito baixo, não é! Não é que os professores sejam [...] (PROJETO NURC, 2011).

b) **marcador epistêmico de avaliação subjetiva:** empregado para indicar a avaliação subjetiva dos falantes acerca da importância da situação envolvida na proposição. Baseia-se, desse modo, em evidência subjetiva. Ocorre

particularmente com verbos de atitude proposicional, o que será demonstrado mais adiante através da análise dos dados. Haveria, nesse sentido, uma relação de valência lexical (LANGACKER, 1988) entre o advérbio “realmente” e o verbo com o qual ele coocorre e que por ele é focalizado. A ocorrência abaixo ilustra este uso de “realmente”:

(2)

[...] você repare só, logo após uma corrida de Fórmula 1, como os desastres acontecem com muito mais rapidez porque normalmente o motorista começa a ziguezaguear, fazer loucura. Então, não gosto. Não gosto de boxe. Acho que é, um esporte brutal, ***eu gosto realmente do esporte coletivo***, isso aí, voleibol, basquete, e tal, mas o futebol, principalmente. (PROJETO NURC, 2011).

c) **intensificador adjetival epistêmico**: empregado para intensificar as propriedades expressas pelos adjetivos que acompanham a forma adverbial, o que também denotaria avaliação subjetiva por parte dos falantes. Como veremos através da análise dos dados, o advérbio “realmente” ocorreria, neste contexto, com adjetivos semanticamente caracterizados pela noção de escalaridade, o que também denotaria uma relação de valência lexical (LANGACKER, 1988). A função de “realmente” seria, então, intensificar as propriedades escalares já presentes nos adjetivos. Observemos um exemplo de “realmente” como intensificador adjetival epistêmico:

(3)

[...] a repressão foi violentíssima principalmente no período de sessenta e quatro até setenta e quatro. Foi ***violentíssima realmente***, o ápice talvez tenha sido quando você falou essa tal época da entrevista, setenta e um, governo Médici, onde não havia qualquer chance de movimento sindical. (PROJETO NURC, 2011).

d) **marcador epistêmico de hipótese**: empregado como um modalizador epistêmico asseverativo relativo. Como destaca Neves (2000), os advérbios asseverativos relativos indicam que o conteúdo é apresentado como algo que o falante crê ser possível, impossível, provável ou improvável, ou seja, o falante atenuaria o efeito de sua asserção, descomprometendo-se com a verdade do que é dito. Como veremos a partir dos dados analisados, este uso de “realmente” coocorre com a conjunção “se” ou com verbos no futuro do pretérito, no futuro do presente e no presente do subjuntivo, o que indicaria se tratar, como nos dois casos anteriores, de uma construção que também toma como base uma relação de valência lexical (LANGACKER, 1988). Apresentamos abaixo uma ocorrência que ilustra este padrão construcional:

(4)

Porque: é visível né, assim se você observar a natureza, você mesmo vai se convencer disso né se estudar um pouco, são argumentos lógicos assim, quanto que o criacionismo é muito pelo contrário, cê tem que viajar muito pra, tem que imaginar muita coisa pra, pra acreditar nisso, **se é que realmente existe alguém que acredite nisso, né.** (PROJETO MINEIRÊS, 2011).

e) **marcador discursivo de contraexpectativa**: quando é empregado como marcador discursivo de contra-expectativa, o advérbio “realmente” sempre co-ocorre com o dêitico anafórico ou catafórico “assim”, instanciando a construção “realmente assim”. Conforme mostraremos mais adiante, neste contexto, “realmente assim” operaria como marcador discurso, uma vez que atuaria tanto sob a perspectiva textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, quanto sob a perspectiva interpessoal, mantendo a interação entre os interlocutores e auxiliando no planejamento da fala (MARCUSCHI, 1989). Veremos, através dos dados analisados, que, neste contexto de uso, “realmente”, ao ser empregado com o dêitico anafórico/catafórico “assim”, também revelaria a ocorrência de uma relação de valência lexical (LANGACKER, 1988), visto que o sentido inicial de “realmente” como asseverador factual acerca da realidade é projetado para os fatos descritos no texto, o que revelaria a sua função também anafórica ou catafórica. E o que mais chama a atenção nesta construção é a instanciação de “realmente assim” como marcador de contraexpectativa, cujo uso implica uma comparação entre o que é dito e o que se espera e/ou se pressupõe (HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991). Veremos, a partir dos dados analisados, que o marcador discursivo “realmente assim” projeta no texto que certas expectativas que os interlocutores *a priori* possuíam teriam sido contrariadas. Nesse sentido, a gramaticalização de “realmente assim” envolveria a seguinte trajetória de mudança proposta por Traugott (1982): proposicional> textual> expressivo.

Nas próximas subseções, apresentaremos os resultados obtidos nos *corpora* sincrônicos e diacrônicos e explicaremos, através da análise de dados, em que consiste cada um dos padrões construcionais apontados acima. Na verdade, ao estabelecer um paralelo entre os resultados obtidos na análise sincrônica e na análise diacrônica, esperamos confirmar que o advérbio “realmente” apresenta uma expansão de seus contextos de uso: se inicialmente “realmente” se restringia à marcação epistêmica baseada em evidência factual, observa-se hoje seu uso projetado em contextos reconhecidamente mais subjetivos. E, nesse sentido, a multifuncionalidade do advérbio “realmente” no português contemporâneo e o estabelecimento de sua rede construcional seriam o reflexo de um processo de subjetivização e de expansão semântico-pragmática. Vejamos um exemplo de “realmente assim” como marcador discurso de contra-expectativa:

(5)

E aí eu tive uma briga atroz no prédio pra manter o meu cachorrinho, vivo comigo, era um primeiro machinho que eu tive chamado NP que viveu comigo durante muitos anos. E: esse bichinho foi ***realmente assim a primeira e: primeira [ex] coisa boa que eu tive em relação a criação de animal.*** (PROJETO MINEIRÊS, 2011).

A distribuição de “realmente” nos *corpora* sincrônicos

Nos *corpora* sincrônicos, foram atestados os cinco usos apontados acima. Conforme descrito na tabela a seguir, encontramos 310 ocorrências de “realmente”, distribuídas da seguinte forma: a) como marcador epistêmico factual, foram atestadas 152 ocorrências; b) como marcador epistêmico de avaliação subjetiva, 103 ocorrências; c) como intensificador adjetival epistêmico, 24 ocorrências; d) como marcador epistêmico de hipótese, também 24 ocorrências; e) como marcador discursivo de contraexpectativa, apenas 7 ocorrências. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 1 – Frequência de uso do advérbio “realmente” nos *corpora* sincrônicos

	“Realmente” como marcador epistêmico factual		“Realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva		“Realmente” como intensificador adjetival epistêmico		“Realmente” como marcador epistêmico de hipótese		“Realmente” como marcador discursivo de contra- expectativa		Total de ocorrências por <i>corpus</i>
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
	Corpus do Projeto NURC	111	66,9%	42	25,3 %	11	6,6 %	2	1,2 %	0	
Corpus do Projeto Mineirês	23	37,7%	25	41,0 %	2	3,3 %	4	6,6 %	7	11,4 %	61
Corpus constituído por blogs	18	21,7%	36	43,4 %	11	13,2 %	18	21,7 %	0	0	83
Total de usos por padrão construcional	152	49%	103	33,3%	24	7,7%	24	7,7%	7	2,3%	310

Fonte: Elaboração própria.

Os dados encontrados nos três *corpora* apontam a predominância de “realmente” como marcador epistêmico de evidência factual. Esse resultado é bastante relevante, já que, como mostraremos na próxima seção, a análise

diacrônica apontou o uso exclusivo de “realmente” como asseverador da verdade da proposição até o século XVIII, já que apenas no século XIX surgem evidências de que o uso de “realmente” teria se expandido para um contexto menos factual e mais subjetivo. O segundo maior índice de ocorrências se refere ao uso de “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva, já que foram atestadas 103 ocorrências dentre as 310 encontradas nos *corpora* sincrônicos. Esse resultado também é bastante significativo, pois aponta que o emprego de “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva se encontra em um estágio já bastante avançado de gramaticalização. Em relação à distribuição de “realmente” como intensificador adjetival epistêmico e como marcador epistêmico de hipótese, verificou-se uma equidade na frequência de uso, visto que foram atestadas 24 ocorrências para cada caso. Esse resultado indica que a gramaticalização destes dois padrões construcionais, que também se baseiam em evidência subjetiva, seria mais recente na língua, ou seja, os falantes, em virtude de necessidades comunicativas, estariam projetando o uso de “realmente” em outros contextos que igualmente se fundam na marcação de suas atitudes e crenças pessoais. O uso mais recente do advérbio “realmente” – e, portanto, em um estágio mais incipiente de gramaticalização – seria na instanciação da construção “realmente assim”, que atuaria na língua como um marcador epistêmico de contraexpectativa. Como pode ser observado nos resultados apresentados cima, foram atestadas apenas 7 ocorrências desse padrão construcional.

Não podemos deixar de considerar aqui algumas particularidades encontradas em cada um dos *corpora* analisados. No *corpus* do Projeto NURC, predominou a ocorrência de “realmente” como marcador epistêmico factual, já que, dentre as 166 ocorrências de “realmente” neste *corpus*, 111 – ou 66,9% – se referem ao uso de “realmente” como um advérbio sentencial que tem como função asseverar a verdade ou não da proposição com base em evidência factual. Em relação aos demais usos de “realmente”, que são caracterizados pela avaliação subjetiva do falante, encontrou-se o seguinte: 42 ocorrências de “realmente” como modalizador epistêmico de avaliação subjetiva; 11 ocorrências como intensificador adjetival epistêmico; apenas 2 ocorrências como marcador epistêmico de hipótese; nenhuma ocorrência como marcador discursivo de contraexpectativa.

Uma comparação destes resultados com os que foram aferidos no *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” nos leva a hipotetizar que, do ponto de vista diatópico, poderia haver alguma diferença pontual e considerável na distribuição do advérbio “realmente”. Conforme verificamos na tabela acima, predominou, no *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o uso de “realmente” como modalizador epistêmico de avaliação subjetiva, já que foram atestadas 25 ocorrências desta distribuição contra 23 de “realmente” como marcador epistêmico factual. Esses resultados indicam que, nesta variedade

linguística, os falantes identificam reconhecidamente o advérbio “realmente” como uma forma de expressar sua avaliação subjetiva acerca da situação envolvida na proposição. Para o uso de “realmente” como intensificador adjetival epistêmico e marcador epistêmico de hipótese, foram atestadas, respectivamente, 2 e 4 ocorrências. O que chamou realmente a atenção neste *corpus* foi a presença da construção “realmente assim”, já que este uso de “realmente” não foi evidenciado no *corpus* do Projeto NURC nem *corpus* constituído por *blogs*. Aventamos aqui novamente a hipótese de poder haver, do ponto de vista diatópico, diferenças nos usos de “realmente”. E, nesse caso, a presença de 7 ocorrências de “realmente assim”, em um *corpus* em que foram atestadas 61 ocorrências de “realmente”, não deixa de ser bastante significativa. Como acreditamos, esse resultado aponta que o uso do marcador discursivo “realmente assim” seria bastante recente, ou seja, esta construção estaria ainda em um estágio bastante inicial de gramaticalização. E, nesse caso, o uso de “realmente assim” seria projetado apenas em situações bastante particulares, que seriam caracterizadas pela noção de contra-expectativa (HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991), o que será, inclusive, demonstrado nas ocorrências analisadas mais adiante.

Já em relação ao *corpus* constituído por *blogs*, o resultado se mostrou bastante particular. Nesse sentido, acreditamos que as diferenças de resultado que encontramos se devem particularmente às características do gênero textual analisado. Conforme já discutido anteriormente, os *blogs* apresentariam, de forma bastante clara, marcas de oralidade (XAVIER; SANTOS, 2000), evidenciando a integração e a fusão da modalidade oral e da modalidade escrita. Como os *blogs* têm sido utilizados, na maior parte das vezes, como diários pessoais – uma vez que seus usuários tenderiam a publicar, na forma de hipertexto, suas impressões particulares acerca da realidade –, eles se estabeleceriam como um contexto bastante suscetível à presença dos usos [+ subjetivos] de “realmente”. Essa hipótese se confirma ao observarmos, na tabela acima, que houve o predomínio do uso de “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva, já que foram atestadas 36 ocorrências desta distribuição – ou 43,4% – contra apenas 18 ocorrências – ou 21,7% – de “realmente” como marcador epistêmico factual. Também foi encontrado um número bastante expressivo de ocorrências de “realmente” como intensificador adjetival epistêmico e marcador epistêmico de hipótese: das 83 ocorrências de “realmente” atestadas nos *blogs*, 11 ocorrências – ou 13,2% – referem-se ao uso de “realmente” como intensificador adjetival epistêmico e 18 ocorrências – ou 21,7% – como marcador epistêmico de hipótese. Não foi encontrada nenhuma ocorrência de “realmente assim” neste *corpus*, o que nos faz novamente aventar a possibilidade de que, diatopicamente, poderia haver alguma diferença pontual e considerável na distribuição do advérbio “realmente”, pois, mesmo no caso dos *blogs* – que, como vimos, se caracterizam pela predominância de usos

[+ subjetivos] de “realmente” – não foi atestada nenhuma ocorrência deste padrão construcional.

Após a análise da frequência de uso de “realmente” nos três *corpora*, passaremos à análise pontual de algumas ocorrências. Através da análise de dados, avaliaremos como se instanciará cada um dos padrões construcionais estabelecidos, neste trabalho, para o advérbio “realmente”.

“Realmente” como marcador epistêmico factual

Conforme já apontado anteriormente, esse seria o uso mais primário de “realmente”, uma vez que os falantes se baseariam em evidência factual para asseverar a verdade ou não do conteúdo veiculado pela proposição. Como marcador epistêmico factual, “realmente” atua como um advérbio sentencial, visto que seu escopo se direciona ao valor de verdade de toda a proposição. Como se refere à proposição como um todo, pode ser instanciado em todas as posições de uma sentença. Com base nestas considerações, passamos à análise de uma ocorrência em que “realmente” atua como marcador epistêmico factual:

(6) “Tem ene profissões menos desgastantes e ganho melhor. Então você vê, está sendo atraído para a profissão um pessoal muito pouco interessado em alguma coisa. **As escolas normais estão realmente com nível muito baixo, não é/** Não é que os professores sejam [...]” (PROJETO NURC, 2011).

Neste caso, o advérbio “realmente”, que ocorre na posição medial da sentença, apresenta claramente a função de asseverar o valor de verdade do que é dito a partir do conhecimento da realidade, isto é, o falante se baseia no real para afirmar que, verdadeiramente, a condição das escolas normais não está boa. A asseveração com base na realidade percebida faz, inclusive, com que o falante conclua que as escolas normais não seriam o espaço mais adequado para a prática docente. Vemos, portanto, que o escopo de “realmente” é toda a proposição.

“Realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva

O advérbio “realmente”, quando empregado para indicar a avaliação subjetiva dos falantes acerca da importância da situação envolvida na proposição, baseia-se em evidência subjetiva, ou seja, os falantes procurariam avaliar a situação descrita com base em suas crenças pessoais. Esse uso de “realmente” seria reconhecidamente [+ subjetivo] do que o descrito anteriormente, já o falante não se apoia em evidências factuais, mas sim na sua própria perspectiva diante da realidade. Nesse contexto de uso, “realmente” é frequentemente, mas não

necessariamente, empregado antes do verbo. Aliás, o tipo de verbo que ocorre com “realmente” traria indícios de que seu uso como marcador epistêmico de avaliação subjetiva seria indicativo de um padrão construcional particular e distinto, ou seja, o uso de “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva representaria a gramaticalização de uma construção que está pautada no *cline* de mudança [- subjetivo] > [+ subjetivo]: em vez de sinalizar a asserção de evidências factuais, os falantes empregariam o advérbio “realmente” para expressar seus pontos de vista acerca das situações em que se encontram ou às quais se reportam durante a elocução. A fim de buscar evidências de que temos aqui um padrão construcional, fizemos um levantamento de qual tipo de verbo ocorreria predominantemente neste contexto de uso. A partir da análise de todas as ocorrências de “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva nos três *corpora* sincrônicos, chegamos à seguinte frequência de uso por verbo empregado:

Tabela 2 – *Types* e *tokens* dos verbos que ocorrem com o advérbio “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva

Verbo	Número de ocorrências	Exemplo de ocorrência
ser	23	“ <i>Realmente</i> foi uma coisa lamentável” (PROJETO NURC)
gostar	16	“Eu gosto <i>realmente</i> é do esporte coletivo” (PROJETO NURC)
ter	9	“ <i>realmente</i> tenho muitas opções do que fazer” (PROJETO NURC)
achar	7	“ <i>Realmente</i> acho que o brasileiro se torna mais sem memória” (PROJETO NURC)
dar	6	“a gente vê que, <i>realmente</i> dá, dá uma certa, revolta né” (PROJETO NURC)
saber	5	“ <i>realmente</i> eu também não sei.” (PROJETO NURC)
querer	4	“porque <i>realmente</i> o que eu queria era fazer outra coisa” (PROJETO MINEIRÊS)
interessar	4	“ <i>realmente</i> eu nunca me interessei muito” (PROJETO NURC)
ficar	4	“ <i>realmente</i> eu fico muito admirada” (PROJETO NURC)
poder	3	“só que:... eu/eu <i>realmente</i> não posso:: contar experiência” (PROJETO NURC)
precisar	3	“ele precisava <i>realmente</i> de você naquela hora difícil” (BLOGLOG)

Verbo	Número de ocorrências	Exemplo de ocorrência
sentir	2	“de modo que sinto... sinto <i>realmente</i> um... em relação... ao bairro, eu senti uma mudança muito grande” (PROJETO NURC)
importar	2	“vou seguir a minha vida que é o que <i>realmente</i> importa” (BLOGLOG)
incomodar	1	“porque <i>realmente</i> me incomoda” (PROJETO NURC)
(voltar a) insistir	1	“ <i>realmente</i> eu volto a insistir” (PROJETO NURC)
combinar	1	“ <i>realmente</i> não combino” (PROJETO NURC)
preencher	1	“independente de de cachorro, gato, passarinho, <i>realmente</i> me preenche” (PROJETO MINEIRÊS)
conseguir	1	“e <i>realmente</i> eu consegui me impo porque eu podia manter o bicho” (PROJETO MINEIRÊS)
parecer	1	“Parece <i>realmente</i> que ela nasceu pra ser minha” (PROJETO MINEIRÊS)
pensar	1	“alias eu nem pensava <i>realmente</i> em ter filhos” (PROJETO MINEIRÊS)
marcar	1	“mas esse acontecimento <i>realmente</i> me marcou” (BLOGLOG)
levar	1	“eu to animadíssima e levando <i>realmente</i> muita” (BLOGLOG)
acalmar	1	“só acalmei <i>realmente</i> quando cheguei ao hotel” (BLOGLOG)
mexer	1	“uma história <i>realmente</i> mexeu comigo” (BLOGLOG)
crer	1	“creio <i>realmente</i> que ele é o responsável pela sua ausência” (BLOGLOG)
passar a perceber	1	“depois de algumas posturas que adotei e escolhas que fiz, passei <i>realmente</i> a perceber o quão privilegiado eu sou” (BLOGLOG)
deixar se afetar	1	“escutar a própria respiração, deixar <i>realmente</i> se afetar pelo presente” (BLOGLOG)
representar	1	“você vai entender a reconhecer no outro o que você representa <i>realmente</i> ” (BLOGLOG)
Total de ocorrências		103

Fonte: Elaboração própria.

Conforme podemos observar na tabela 2 inclusive, com base em todas as ocorrências atestadas nos *corpora* analisados, nas 103 ocorrências de “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva, os verbos empregados revelam atitude proposicional, sinalizando em que medida o falante avaliaria a situação a que se refere a partir de suas crenças e atitudes pessoais. Como destaca Vendrame (2006), os marcadores de atitude proposicional especificam a atitude (intelectual ou emocional) de uma pessoa em relação aos fatos possíveis designados. Em relação à coocorrência entre “realmente” como modalizador de avaliação subjetiva e verbos de atitude proposicional, a noção de valência lexical assumiria um papel relevante. De acordo com Langacker (1988), uma relação de valência lexical se estabelece quando semanticamente as propriedades de um item se combinam/se associam às propriedades do item com o qual ele coocorre. No caso da construção [realmente + verbo de atitude proposicional] ou [verbo de atitude proposicional + realmente], o caráter avaliativo de “realmente” se combinaria/se associaria ao caráter também avaliativo dos verbos que indicam atitude proposicional. Vejamos como as questões aqui levantadas estariam presentes em uma das ocorrências levantadas nos *corpora*:

(7)

[...] porque timidez não faz parte do vocabulário dele e conseguiu fazer a partir de setenta e oito, setenta e sete, um movimento operário muito sério no ABC paulista. Eles conseguiram em setenta e nove, botar naquele estádio sessenta mil trabalhadores, **que realmente é uma coisa fantástica, né.** (PROJETO NURC, 2011).

Nessa ocorrência, fica bastante evidente o uso de “realmente” como modalizador epistêmico de avaliação subjetiva, uma vez que o falante projeta a sua avaliação pessoal acerca da situação a que se refere. Nesse caso específico, o falante qualifica como “sendo realmente uma coisa fantástica” o fato de um movimento operário do ABC paulista ter conseguido reunir sessenta mil trabalhadores em um estádio. A presença do verbo “ser”, seguido do predicativo “uma coisa fantástica”, indica atitude proposicional, visto que o falante está buscando qualificar a situação com base em suas crenças e expectativas pessoais.

“Realmente” como intensificador adjetival epistêmico

O advérbio “realmente”, quando empregado em referência a um adjetivo, teria a função de intensificá-lo epistemicamente, ou seja, o falante procuraria, com base em suas crenças pessoais, colocar em evidência as propriedades semânticas já denotadas pelos adjetivos. E, nesse caso, o advérbio “realmente”, como intensificador adjetival epistêmico, ocorreria estritamente com adjetivos

qualificadores que já trazem consigo, do ponto de vista semântico, a noção de gradabilidade e de escalaridade. De acordo com Neves (2000, p.186-187), como exemplos de adjetivos qualificadores graduáveis e intensificáveis, teríamos, os seguintes itens: “bonito(a)”, “fácil”, “novo(a)”, “gostoso(a)”, “delicioso(a)”, “grave”, “alegre”, “ativo”, “equilibrado(a)”, “corajoso(a)”, “bom” etc. Os adjetivos qualificadores graduáveis e intensificáveis seriam aqueles que trazem consigo a noção de escalaridade, podendo passar por um processo de intensificação, já que podemos dizer, por exemplo, que alguém é “alegre/muito alegre/pouco alegre” ou que algum fato é “grave/muito grave/pouco grave”. E é justamente a propriedade escalar dos adjetivos graduáveis e intensificáveis que possibilitaria seu emprego com o advérbio “realmente”. E, nesse contexto de uso, o advérbio “realmente” atuaria como um intensificador epistêmico, evidenciando a avaliação subjetiva dos falantes. A fim de demonstrar a coocorrência entre “realmente” e adjetivos de natureza escalar, apresentamos abaixo quais foram os adjetivos encontrados nos três *corpora* sincrônicos analisados:

Tabela 3 – *Types e tokens* dos adjetivos que ocorrem com o advérbio “realmente” como intensificador adjetival epistêmico

Adjetivo	Número de ocorrências	Exemplo de ocorrência
violento(a)	2	“Foi <i>violentíssima realmente</i> , o ápice talvez tenha sido essa tal época” (PROJETO NURC)
animado(a)	2	“encarnando no outro... um negócio <i>animado realmente</i> ” (PROJETO NURC)
bonito(a)	2	“a serra gaúcha é muito <i>bonita realmente</i> ” (PROJETO NURC)
lindo(a)	1	“já falei em Paris, porque é uma cidade <i>realmente lindíssima</i> ” (PROJETO NURC)
interessante	1	“tem cidades que são <i>realmente</i> muito <i>interessantes</i> ” (PROJETO NURC)
perdido(a)	1	“se ficar dependendo de Miguel Couto, você tá <i>realmente perdido</i> ” (PROJETO NURC)
impraticável	1	“aí, eles removeram, porque era <i>realmente impraticável</i> ficar fazendo treinamento de piloto no mesmo céu” (PROJETO NURC)
maravilhoso(a)	1	“e era um ambiente <i>realmente maravilhoso</i> ... hoje eu não sei”

importante	1	“jamais saberia ficar sem eles, eles são <i>realmente extremamente importantes</i> na minha vida” (PROJETO NURC)
maior	1	“já tava na hora de para porque a filha já tava <i>realmente maior</i> ” (PROJETO MINEIRÊS)
poderoso(a)	1	“políticos, podres como qualquer político, mas <i>realmente poderosos</i> ” (BLOGLOG)
grande	1	“pense num comediante <i>realmente grande</i> , reconhecido mundialmente” (BLOGLOG)
bom/boa	1	“a piada <i>realmente boa</i> sempre ofende alguns” (BLOGLOG)
crítico	1	“não há coesão nos sindicatos por medo do desemprego a não ser quando existe um motivo <i>realmente crítico</i> ” (BLOGLOG)
curioso(a)	1	“acho que algumas pessoas são <i>realmente curiosas</i> ” (BLOGLOG)
cheio(a)	1	“está <i>realmente cheio</i> da tal cultura de celebridades” (BLOGLOG)
próximo(a)	1	“estamos <i>realmente</i> mais <i>próximos</i> , apesar das briguinhas eventuais” (BLOGLOG)
emocionante	1	“é <i>realmente emocionante</i> e enorme o sentimento que temos” (BLOGLOG)
tranquilizador(a)	1	“Dias inesquecíveis foram estes..... Amigos e família <i>realmente tranquilizador</i>” (BLOGLOG)
apaixonado(a)	1	“estou <i>realmente apaixonada</i> por estes seres” (BLOGLOG)
especial	1	“contamos com a presença de inúmeros amigos que nos prestigiaram. Foi <i>realmente especial</i> ” (BLOGLOG)
Total de ocorrências		24

Fonte: Elaboração própria.

Atestamos, a partir da tabela 3, que o advérbio “realmente” coocorre estritamente com adjetivos escalares, o que indica haver, também nesse caso, uma relação de valência lexical (LANGACKER, 1988): o advérbio “realmente”, que atuaria como intensificador, se combinaria com adjetivos que são eminentemente

passíveis de sofrerem intensificação. Temos aqui, também neste caso, a emergência de um padrão construcional claramente definido: [realmente intensificador + adjetivo escalar] ou [adjetivo escalar + realmente intensificador]. Vejamos uma das ocorrências que foi retirada dos *corpora* analisados:

(8) “Normalmente, não há coesão nos sindicatos por medo do desemprego a não ser quando existe um motivo ***realmente crítico***.” (BLOGLOG, 2011).

Nesse caso, o advérbio “realmente” coocorre com o adjetivo escalar “crítico”, intensificando-o epistemicamente, já que o falante avalia que somente há coesão do sindicato diante de um motivo considerável, ao qual se refere como “um motivo realmente crítico”. Vemos, então, que o falante, a partir de suas crenças, promove também aqui um julgamento pessoal.

“Realmente” como marcador epistêmico de hipótese

Nesse contexto, o advérbio “realmente” coocorre com a conjunção “se” e com verbos no futuro do pretérito, no futuro do presente ou no presente do subjuntivo, estabelecendo igualmente uma construção particular e identificável. Neste padrão construcional, também estaria presente a noção de valência lexical (LANGACKER, 1988), já que o advérbio “realmente” – empregado como modalizador epistêmico asseverativo relativo – se associaria ao uso da conjunção “se” e de verbos no futuro do pretérito, no futuro do presente ou no presente do subjuntivo a fim de projetar, no campo da hipótese, aquilo que o falante pessoalmente acredita que pode ou não acontecer. Segundo Neves (2000), os advérbios asseverativos relativos seriam empregados pelos falantes para atenuar o efeito de sua asserção, descomprometendo-se com a verdade do que é dito. O uso de “realmente” como marcador epistêmico de hipótese seria, portanto, pautado na subjetividade do falante. Apresentamos a seguir, por ordem de frequência, os itens que os falantes associariam ao advérbio “realmente” na projeção epistêmica de suas hipóteses:

Tabela 4 – *Types e tokens* dos marcadores de hipótese que ocorrem com o advérbio “realmente” como marcador epistêmico de hipótese

Marcador de hipótese	Número de ocorrências	Exemplo de ocorrência
Futuro do pretérito	8	“eu <i>realmente</i> <i>teria</i> muitos, fora esses que eu cato, que eu ajudo, que eu arranjo casa pra eles” (PROJETO MINEIRÊS)
Conjunção “se”	8	“ <i>se é que realmente</i> existe alguém que acredite nisso” (PROJETO MINEIRÊS)

Futuro do presente	6	<i>“Será que é realmente ruim mesmo?” (BLOGLOG)</i>
Presente do subjuntivo	2	<i>“Foi melhor me inspirar nesse exemplo ralo do que esperar alguma coisa que realmente me deixe em maus lençóis” (BLOGLOG)</i>
Total de ocorrências	24	

Fonte: Elaboração própria.

Vemos, a partir dos resultados acima, que preferencialmente os falantes empregam o futuro do pretérito e a conjunção “se” – que naturalmente já expressam ideia de hipótese – junto com o advérbio “realmente”, já que, das 24 ocorrências de “realmente” como marcador epistêmico de hipótese, em 8 ele coocorre com verbo no futuro do pretérito e em 8 com a conjunção “se”. Com o futuro do presente, foram encontradas, por sua vez, 6 ocorrências, ao passo que, com o presente do subjuntivo, apenas 2 casos. Vejamos uma ocorrência de “realmente” como marcador epistêmico de hipótese:

(9)

Nossa ela é muito traumatizada e não sei o por quê. Chegamos ela foi com o celular dela e ela não consegui destravar o celular dela de tanto medo. Cheguei aí ela passou assim e falei: “Calma NP, **vamu vê, né se ela vai vir realmente atrás da gente.**” Quando eu falei isso minha irmã disparou e começou a correr. (PROJETO MINEIRÊS, 2011).

Em (9), fica bastante evidente a associação do advérbio “realmente” à conjunção “se” na expressão de uma hipótese formulada pelo falante. Nesta passagem, o falante está narrando uma situação em que se encontrava e na qual projetou hipoteticamente a vinda de uma colega em sua direção. A projeção da hipótese fica ainda mais explícita devido à presença de “vamu vê” no enunciado.

“Realmente” como marcador discursivo de contra-expectativa

Conforme dito anteriormente, o advérbio “realmente”, quando é empregado como marcador discursivo de contraexpectativa, sempre coocorre com o dêitico anafórico ou catafórico “assim”, instanciando a construção “realmente assim”. Como defendemos neste trabalho, o uso de “realmente assim” como marcador discurso seria projetado apenas em situações bastante particulares e caracterizadas pela noção de contra-expectativa. De acordo com Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), o uso de marcadores de contra-expectativa implicaria uma

comparação entre o que é dito e o que se espera e/ou se pressupõe. Ou seja, os marcadores de contraexpectativa apontariam que alguma expectativa ou norma preestabelecida teria sido violada.

Consideramos que “realmente assim” atuaria como marcador discursivo ao partirmos do princípio de que os marcadores discursivos operariam tanto sob a perspectiva textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, quanto sob a perspectiva interpessoal, mantendo a interação entre os interlocutores e auxiliando no planejamento da fala (MARCUSCHI, 1989). No caso de “realmente assim”, observamos, a partir da análise dos dados, que sua função se projeta tanto no texto, estabelecendo relações anafóricas e catafóricas – a partir das quais se instauraria, inclusive, a noção de contraexpectativa –, quanto na própria interação entre os falantes, uma vez que “realmente assim” sinalizaria para os interlocutores de uma conversa que uma expectativa foi violada. O emprego de “realmente assim” revelaria, portanto, que o falante sinalizaria no texto que certas expectativas que os interlocutores *a priori* poderiam possuir teriam sido contrariadas. Vemos, nesse sentido, que a gramaticalização da construção “realmente assim” tomaria como base o *cline* proposicional > textual > expressivo, proposto por Traugott (1982): o advérbio “realmente”, que inicialmente tinha seu uso limitado à asseveração de evidências factuais, ao se associar ao déitico anafórico/catafórico “assim”, teria sido projetado no texto com a função de apontar quais expectativas teriam sido violadas, passando a indicar também as crenças e atitudes do falante em relação ao assunto da elocução e aos outros participantes da interação. Com base nas considerações tecidas acima, passemos à análise de uma das ocorrências da construção “realmente assim” que foi atestada nos *corpora* analisados:

(10)

Você tem filhos? Qual é seu sentimento em relação a maternidade?

Olha, eu tenho apenas uma filha, e eu acho que, eu agradeço muito a Deus *porque eu nunca imaginei né que, alias eu nem pensava realmente em ter filhos*, depois de dez anos de casada eu realmente engravidei porque até então todo mundo achava que eu só era mãe de cachorro. E realmente foi uma das coisas assim mais gratificantes que eu tive na vida. Eu acho que, o o fato de de te essa filha, embora eu goste profundamente dos animais, foi muito bom. Porque na hora que eu soube que tava grávida eu realmente assim, me senti uma outra pessoa, me senti diferente, achei que Deus foi me me me deu de presente essa criatura, que **realmente assim** é sensacional. (PROJETO MINEIRÊS, 2011).

Em (10), a entrevistada inicialmente assume que não tinha a expectativa de ser mãe, ou seja, para ela ter filhos não era algo planejado nem, ao menos,

pensado. Nesse contexto de uso, “realmente assim”, ao mesmo tempo em que projeta cataforicamente que a entrevistada se sentiu outra pessoa ao saber que estava grávida, estabelece uma relação de contraexpectativa em relação ao que esperava a informante para a sua vida e seu futuro, ou seja, “realmente assim” atuaria paralelamente como elo coesivo na construção do discurso e asseverador de que a expectativa rompida e/ou violada foi, neste caso, avaliada positivamente pela entrevistada.

A distribuição de “realmente” nos *corpora* diacrônicos

Conforme já mencionado anteriormente, foram atestadas apenas 30 ocorrências do advérbio “realmente” nos *corpora* diacrônicos, sendo que, nos séculos XIII e XIV, não foi encontrado nenhum caso. Como podemos ver na tabela a seguir, há uma expansão de uso do advérbio “realmente” entre os séculos XV e XIX, já que a análise dos dados permitiu atestar o seguinte: a) 1 ocorrência no século XV; b) 4 ocorrências no século XVI; c) 4 ocorrências também no século XVII; d) 12 ocorrências no século XVIII; e) 9 ocorrências no século XIX. Vejamos, a partir da tabela que se segue, a distribuição de “realmente” nos *corpora* diacrônicos:

Tabela 5 – Número de ocorrências do advérbio “realmente” nos *corpora* diacrônicos analisados

	“Realmente” como marcador epistêmico factual		“Realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjativa		“Realmente” como intensificador adjetival epistêmico		“Realmente” como marcador epistêmico de hipótese		“Realmente” como marcador discursivo de contra- expectativa		Total de ocorrências por século
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Século XIII	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Século XIV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Século XV	1	100%	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Século XVI	4	100%	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Século XVII	4	100%	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Século XVIII	12	100%	0	0	0	0	0	0	0	0	12
Século XIX	6	66,7%	3	33,3%	0	0	0	0	0	0	9
Total de ocorrências por padrão construcional	27	90%	3	10%	0	0	0	0	0	0	30

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados obtidos apontam a recente gramaticalização de “realmente” como advérbio na língua portuguesa, já que foram atestadas apenas 30 ocorrências do século XV ao século XIX. Como se pode observar a partir da tabela acima, das 30 ocorrências de “realmente” que foram encontradas, 27 indicam seu uso como marcador epistêmico factual e apenas 3 como marcador epistêmico de avaliação subjetiva. E, nesse caso, as 3 ocorrências que atestam o uso de “realmente” como marcador epistêmico de avaliação subjetiva foram encontradas no século XIX. Esses resultados conduzem a duas conclusões importantes: a) a gramaticalização de “realmente” com caráter avaliativo e subjetivo seria bastante recente na língua portuguesa; b) a gramaticalização dos diferentes usos de “realmente” seguiriam o *cline* de mudança [- subjetivo] > [+ subjetivo], o qual é proposto neste trabalho. Com base na análise de algumas ocorrências, apresentaremos, a seguir, a distribuição de “realmente” nos *corpora* diacrônicos:

(11)

[...] como se costuma de faz(er) nas cousas em que muitos ham-de jullgar, posto que os em algu~as partes ouçais desviando allgu~a cousa do que aquy achardes es(cri)pto, emtemdee q(ue) se faz por se mais apurar a verdade, & temos que do que ***reallemente*** pertemçee a sustamçia no~ pode em outra parte ser mais verdadeyram(em)te es(cri)pta que aquy. (CORPUS INFORMATIZADO..., 2011).

Nessa ocorrência atestada no século XV, observa-se que “realmente” é empregado como advérbio sentencial, exercendo a função de asseverar a veracidade do que se afirma na proposição como um todo. Neste caso, a partir de evidência factual, “realmente” atesta que, a partir da observação do real, “a verdade” só poderia estar contida no livro referido durante a passagem.

(12)

Porque sendo antigamente este nome, Briga, comum a quasi todas as povoações (como veremos adiante) muy bem se podia ao nome Setubal, ou Sethubal ajuntar a dição Briga, & chamarse Sethubriga, que significa, Povoação ou fortaleza de Tubal, como ***realmente*** se chamou em tempo dos Romanos, & foy huma das mais celebres & famosas, que ouve naquella costa do mar Occeano, & como tal se acha muitas vezes seu nome em scriptores antigos. (CORPUS INFORMATIZADO..., 2011).

Também nesta ocorrência do século XVI, observa-se, de maneira bastante clara, o emprego de “realmente” como advérbio sentencial, cujo escopo é toda a proposição a que se refere. Neste caso, “realmente” buscaria asseverar ser verdade que uma povoação/fortaleza recebia a denominação “Sethubriga” na

época do Império Romano. O tipo de evidência aqui também é baseada, portanto, na observação da realidade.

(13)

Bem desejara eu poder-lhas mandar pontualmente, mas me é impossível manter correspondência regular, porque **realmente** a lida cada vez é maior, e tenho por grande mercê de Deus conservar-me, sem descansar a horas competentes, andando, como dizem, sempre em uma roda-viva. (CORPUS HISTÓRICO..., 2011).

Em (13), que representa uma ocorrência do século XVII, o advérbio “realmente” opera, de igual modo, como um asseverador da realidade, visto que é empregado para atestar, com base em evidência factual, que é difícil o envio regular de correspondências em virtude da grande quantidade de trabalho existente.

(14)

O seu carácter, naturalmente franco e sincero, lhe inspirava horror da hipocrisia com que eu me livrava das censuras públicas. Instruído duma das mais criminosas das minhas extravagâncias, me favoreceu com repreensões e com documentos, porém achando-me surda a toda a qualidade de exortações determinou deserdar-me deixando os bens a um irmão que, **realmente**, 15 possui as virtudes que eu afectava com odiosa ostentação. (CORPUS HISTÓRICO..., 2011).

Nessa ocorrência atestada no século XVIII, se mantém o uso [-subjetivo] de “realmente”, visto que seu emprego está relacionado à intenção de se atestar, com base na observação da realidade, que o autor da carta foi deserddado porque seu irmão possuía verdadeiramente as 15 virtudes que seriam necessárias no contexto em que se instaurou a elocução.

(15)

“Demorei a minha resposta porque desejava mais informações sobre o caso dos | Conseils Généraux, que eu só conhecia fragmentariamente. Vejo que o conhecia bem, | porque **realmente** só há fragmentos.” (CORPUS HISTÓRICO..., 2011).

A ocorrência (15), que foi atestada no século XIX, também representaria o uso de “realmente” como marcador epistêmico de evidência factual, uma vez que sua intenção seria asseverar, a partir da realidade, que o autor da carta constatou a presença exclusiva de fragmentos em relação ao “caso de Conseils Généraux”. A intenção do usuário da língua seria, pois, constatar que existem apenas informações fragmentadas acerca do referido caso.

(16)

“Ontem fizeram a festa da despedida da Senhora na vila. Hoje é que é a festa aqui com missa cantada, sermão, ladainha e arraial na quinta. A decoração do adro com bandeiras e festões de murta e um arco foi dirigida por mim. Aqui, **realmente**, não se pode estar melhor.” (CORPUS HISTÓRICO..., 2011).

Já essa ocorrência representaria uma evidência de que, a partir do século XIX, o advérbio “realmente” teria começado a ser projetado em contextos caracterizados pela avaliação subjetiva dos falantes. Nesse caso específico, o autor da carta, após apresentar como seria a festa na qual estaria envolvido, afirma que “realmente, não se pode estar melhor”. Vemos aqui, portanto, que o autor da carta está se baseando em suas crenças pessoais para avaliar subjetivamente a situação à qual se refere, o que indica que “realmente” estaria sendo projetado em um contexto de maior subjetividade.

A rede construcional do advérbio “realmente”: uma proposta

Conforme discutimos na primeira seção deste trabalho, a perspectiva da **gramaticalização de construções** apresentaria, segundo Traugott (2003, 2009), três contribuições bastante consideráveis e pontuais. Devido à sua importância, as repetiremos aqui: a) mudança entendida como um processo dinâmico, uma vez que a emergência de novos padrões construcionais se daria através do tempo e dos falantes, ou seja, o uso reiterado de padrões construcionais levaria à sua gramaticalização; b) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais; c) incorporação das micro-construções em uma rede, o que permitiria estabelecer redes construcionais de gramaticalizações integradas/interligadas. A nosso ver, a análise da distribuição do advérbio “realmente” em *corpora* sincrônicos e diacrônicos contribui para ratificar estas três premissas, uma vez que:

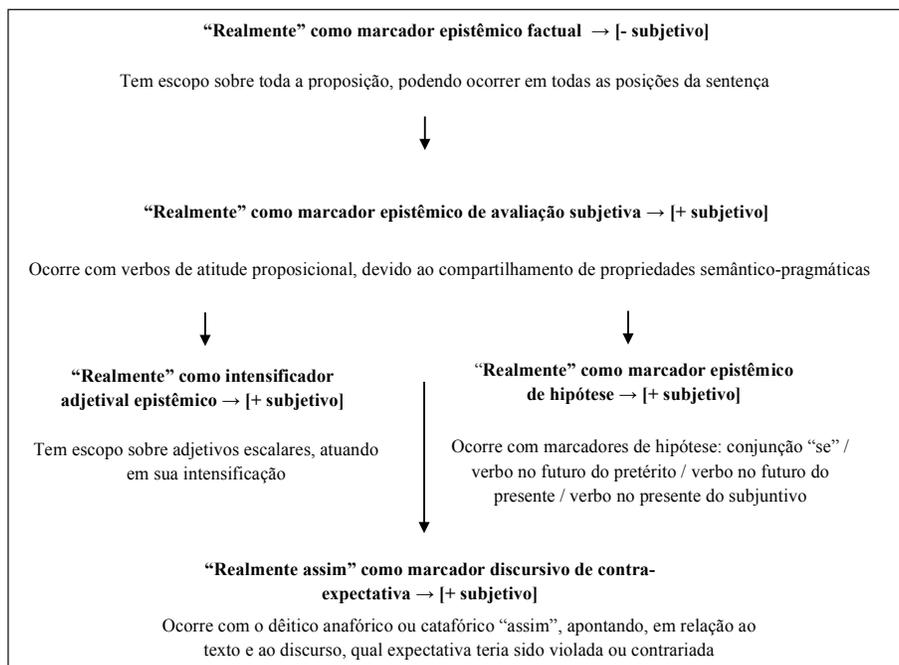
i) verificamos a emergência de novos padrões construcionais em que figura o advérbio “realmente” e, nesse caso, a gramaticalização de “realmente” em novos contextos seria instaurada a partir do *cline* de mudança [- subjetivo] > [+ subjetivo], já que, ao longo do tempo, o advérbio “realmente” tem tido seu escopo de uso ampliado para contextos reconhecidamente marcados por uma maior subjetividade;

ii) e, como uma consequência direta do item anterior, haveria, no caso do advérbio “realmente”, o alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais, ou seja, a reiteração do uso de “realmente” em novos contextos caracterizados por uma maior expressão das crenças e atitudes do falante teria como resultado a emergência de novas construções gramaticais;

iii) como pudemos observar a partir da análise dos dados, os diferentes usos de “realmente” estariam intimamente relacionados entre si, estabelecendo a gramaticalização de construções integradas/interligadas. A partir da projeção de “realmente” em contextos [+ subjetivos], se instauraria, portanto, a emergência de uma rede construcional.

Com base nessas considerações e em todas as discussões empreendidas neste trabalho, propomos a seguinte rede construcional para o advérbio “realmente”:

Quadro 3 – Proposta de rede construcional para o advérbio “realmente”



Fonte: Elaboração própria.

Conclusões

Neste trabalho, procuramos estabelecer a rede construcional do advérbio “realmente” na língua portuguesa. A partir da realização de uma pesquisa pancrônica, que contou com *corpora* compreendidos entre o século XIII e o português contemporâneo, verificamos a ocorrência de cinco diferentes usos para o advérbio “realmente”, os quais denominamos de: a) modalizador epistêmico factual; b) marcador epistêmico de avaliação subjetiva; c) intensificador adjetival epistêmico; d) marcador epistêmico de hipótese; e) marcador discursivo de contra-expectativa.

Conforme demonstramos, a gramaticalização de “realmente” nos contextos de uso apontados acima estaria pautada no *cline* de mudança [- subjetivo] > [+ subjetivo]. Portanto, do ponto de vista teórico, assumiu extrema relevância nesta pesquisa a noção de gramaticalização como processo de subjetivização (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2005), que toma como princípio básico que a emergência de novos padrões gramaticais na língua estaria intimamente relacionada ao desenvolvimento de expressões gramaticalmente identificáveis que visam a indicar as crenças e atitudes dos falantes acerca do que dizem. No caso do advérbio “realmente”, inicialmente empregado como asseverador factual, vimos que os falantes tenderiam a projetá-lo em contextos mais subjetivos a fim de marcarem/expressarem seu posicionamento pessoal diante da realidade. Também assumiu um papel relevante neste trabalho a perspectiva da ‘gramaticalização de construções’. A partir da convergência entre gramaticalização e gramática das construções, podemos considerar, com maior probidade, que a gramática é um fenômeno emergente e que a instanciação de novos padrões construcionais se dá de forma contextualizada e interligada. Nesse sentido, é a construção inteira, e não apenas o significado lexical de um item, que é precursor do sentido gramatical. No caso do advérbio “realmente”, vimos que há o alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais, já que a gramaticalização dos diferentes usos [+subjetivos] de “realmente” se instanciará em contextos que fomentam a subjetivização e a pragmatização de seu significado inicialmente [-subjetivo]. E, nesse contexto, a noção de valência lexical (LANGACKER, 1988) assumiu um papel de extrema relevância neste trabalho, já que pudemos atestar como se instauraria cada um dos padrões construcionais [+ subjetivos] em que figura o advérbio “realmente”, verificando que é a construção inteira a precursora do sentido gramatical.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. The multifunctionality of the Portuguese adverb *realmente* from the perspective of construction grammaticalization. *Alfa*, v.56, n.1, p.169-200, 2012.

- **ABSTRACT:** *From the perspective of construction grammaticalization (TRAUGOTT, 2003, 2009), this paper analyzes the multifunctionality of the Portuguese adverb **realmente** (really) by characterizing its different usages and defining the way its constructional network would be built up. Based on a panchronic analysis, which used corpora between the 13th century and the contemporary Portuguese, it is shown that this adverb multifunctionality reveals a grammaticalization cline on which an extension of usage in more subjective contexts is attested. It is thus considered that grammaticalization is a process of subjectification in which constructions change from expressing concrete/lexical/objective meanings to expressing – based on the reiteration of their usage patterns – abstract/pragmatic/interpersonal functions that code speakers’ beliefs (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2005). The study results indicate that **realmente** is used as an epistemic marker for factual and subjective evidence and is grammaticalized from a factual to a subjective usage.*

- **KEYWORDS:** *Construction grammaticalization. Subjectification. Constructional network. Epistemic modality.*

REFERÊNCIAS

BLOGLOG. Disponível em: <<http://www.bloglog.globo.com>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: BRIAN, J.; JANDA, R. D. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p.602-623.

BYBEE, J.; HOPPER, P. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: _____. (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.1-24.

CASTILHO, A. Mudança linguística multissistêmica. In: TRAVAGLIA, C.; MAGALHÃES, J. S. (Org.) *Múltiplas perspectivas em linguística: coletânea de trabalhos apresentados no 11º Simpósio Nacional de Letras e Linguística e no 1º Simpósio Internacional de Letras e Linguística*. Uberlândia: ED. da UFU, 2008. p.505-518.

CORPUS INFORMATIZADO do português medieval. Disponível em:

<<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

CORPUS HISTÓRICO do português Tycho Brahe. Disponível em:

<<http://www.tycho.iel.unicamp.br/t~tycho/>>. Acesso em: 12 de jan. 2011.

FINEGAN, E. Subjectivity and subjectification. In: DIETER, S.; WRIGHT, S. (Ed.) *Subjectivity and subjectivization: linguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.1-15.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LANGACKER, R. The nature of grammatical valence. In: RUDZKA-OSTYN B. (Ed.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 91-125.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p.281-321.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

PROJETO MINEIRÊS. *A construção de um dialeto: o mineirês belo-horizontino*. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/mineires/>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

PROJETO NURC. *Projeto norma linguística urbana culta do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 03 de jan. 2011.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMAN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. v.24. p.245-271.

_____. Subjectification in grammaticalisation. In: DIETER, S.; WRIGHT, S. (Ed.). *Subjectivity and subjectivization: linguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.31-54.

_____. Constructions in grammaticalization. In: BRIAN, J.; JANDA, R. D. (Ed.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p.624-647.

_____. Grammaticalization and construction grammar. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *História do português paulista*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009. v.1. p.91-101.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K. et al. *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.29-71.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VENDRAME, V. Predicados de atitude proposicional como marcadores de evidencialidade. *Revista Estudos Linguísticos*, Campinas, v.35, p.1928-1936, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/1230.pdf> />. Acesso em: 24 ago. 2010.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v.9, n.18, p.149-177, 2006.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v.4, n.1, p.51-57, 2000.

Recebido em setembro de 2010.

Aprovado em novembro de 2010.